

**NA VIDA QUE SE FAZ PARTILHADA, NA ESPERANÇA QUE NUNCA MORRE...  
SOBRE A EXPERIÊNCIA DO 11º ENCONTRO NACIONAL DA PASTORAL DA  
JUVENTUDE**

“Mesmo que o dia amanheça, e o amor prevaleça bem longe daqui...  
Sempre haverá um janeiro, somos companheiros: tu de mim, eu de ti!”  
(“Quando” – Pedro Munhoz)

Manaus! Coração amazônico! Terras e águas do maior rio do mundo, Amazonas!

Não tem como não falar de forma apaixonada, romântica, desse lugar que mesmo com os seus problemas e suas contradições não deixa de ser chão de muita mística e beleza, misturando realidades tão diferentes num mosaico de cores, vibrações, energias e aromas.

Manaus! Casa da Pastoral da Juventude de todo o Brasil durante uma semana intensa de janeiro. Temos muito que aprender com com os povos amazônidas e a Igreja na Amazônia...

Tive a alegria de conhecer Manaus ainda em julho, quando alguns membros e membras da Coordenação Nacional e Comissão Nacional de Assessores/as da PJ se reuniram presencialmente para sonhar junto os passos do encontro nacional, contando com a presença de jovens e assessores/as da PJ da arquidiocese de Manaus, e também de Dom Sérgio, querido arcebispo de Manaus que acompanhou todo o processo do encontro. Pude retornar para aquele chão já duas semanas depois, e aí conheci mais rostos e histórias, e mais um cantinho do regional, Manacapuru, durante assembleia da PJ do Norte 1.

Viver o 11º Encontro Nacional da Pastoral da Juventude nesse chão, sem dúvida nenhuma, foi uma experiência marcante em toda e qualquer caminhada que se tenha na PJ e também na militância como um todo. Os silêncios, as canções, as orações, as partilhas, os sorrisos, os abraços ficam impregnados no corpo e não saem tão facilmente. Na verdade, nunca sairão.

Eu vivi coletivamente o encontro em muitas dimensões, desde os bastidores – que muitas vezes deram dor de cabeça, mas o mesmo tempo nos traziam muita expectativa para ver quais seriam as cores pintadas pel@s jovens naquilo que nós rezávamos e íamos construindo prossualmente – até as marcas afetivas pessoais, pois tem coisas na Pastoral e na Igreja que são tão sagradas para a gente, que falar e fazer a experiência na dimensão pessoal se torna tão profundo que entra no coração, marca, e sai pelos olhos...

Foram dias de reencontrar companheiras e companheiros, de conhecer muitos/as outros/as, de sentar para conversar e pensar em alternativas para a rearticulação pastoral em alguns lugares, para conversar nos corredores sobre possíveis caminhos que o contexto social e eclesial de hoje nos aponta, e também de ouvir partilhas: “Aline! A PJ lá na minha diocese está se reorganizando!

Estamos em festa!"; "Meu grupo de base está se fortalecendo cada vez mais"; "O meu bispo tinha proibido a PJ na diocese, mas a gente está lá, firme, e aos poucos ele está cedendo"; "Vim aqui para buscar mais elementos e conteúdo para levar para o meu grupo, porque está difícil nos manter. Não querem saber da gente"; "Aline! Estamos esperando você vir nos visitar". Cada rosto, cada expressão, cada sorriso, com certeza estão marcados!

Acredito que o encontro deixa profundas marcas na PJ, nos provoca a ter olhares mais apurados para a realidade, percebendo e sentindo os sinais dos tempos – formação política, politizada e politizante, diálogo sobre gênero, ecologia, espiritualidade libertadora – e também de retomar elementos simbólicos, detalhes talvez, que fomos perdendo ou deixando de falar no andar de nossos passos: retomar a imagem e o significado do "Jesus Histórico", falar em CEBs, em Teologia da Libertação, em Grandes Causas, Pátria Grande, em militância, chamar de companheiro e companheira...

Ouvindo as falas d@s delegad@s, e fazendo também a experiência, o dia da Missão e os espaços de partilha (sejam nas famílias acolhedoras, nas paróquias, nos intervalos, nos grupos) foram alguns dos momentos que mais marcaram o encontro, sabendo que em todos os momentos, independente da duração, foi possível sentir a presença fraterna de Deus. E pensar e repensar a forma como conduzimos e queremos conduzir a caminhada da PJ em nossos grupos, paróquias, dioceses, no zelo e no cuidado que cada espaço exige, só pode ser explicado pela presença do Espírito Santo, que eu acredito que tenha feições femininas.

Não dá para não mencionar a emoção que foi receber a carta de Francisco. Como disse Pe. Wandinho, foram precisos 10 encontros nacionais para vivermos esse momento, e eu complemento que as linhas proféticas e comprometedoras vindas do Vaticano, foram aguardadas por milhares e milhares de jovens que há 42 anos sonham, protagonizam, testemunham e constroem os sinais do Reino em suas realidades. "Nunca percam a esperança e a utopia, vocês são os profetas da esperança, são o presente da sociedade e da nossa amada Igreja e por sobre tudo são os que podem construir uma nova Civilização do amor" (trecho da carta do Papa para o 11º ENPJ).

Com certeza nós vivemos junt@s um momento que marcou a história da Pastoral da Juventude não por ser mais um encontro nacional, e sim pelas proporções que foi tomando com o passar dos dias, e que fez com que cada jovem, homem e mulher que lá estiveram, se comprometesse, em nome e pelos nossos milhares de grupos de jovens, a reafirmar que Somos Igreja Jovem, e que a nossa Igreja é uma Igreja dos, para e com os e as pobres, libertadora por essência, e comprometida com a luta do seu povo.

São tantas e tantos que gostaria de agradecer de forma nominal, mas temo esquecer de alguém. Por isso agradeço a cada uma e a cada um que deixou sua cor, seu cheiro, seu tom, sua voz nas paredes, nos murais, nas plenárias, nos silêncios, nas preces, nas provocações, nas ajudas

“invisíveis”, nos cantos que ecoaram pelos espaços... Obrigada por vocês testemunharem que o outro mundo é possível, e por me fazerem reafirmar as minhas opções com muito mais convicção.

Se reencontramos o Mestre, foi porque ousamos partilhar nossas vidas, nosso pão e a nossa utopia; porque ousamos novamente tornar comum o que querem que seja privilégio de uns poucos. Reafirmamos que para reencontrar o Mestre não é preciso muita coisa: basta ir até as suas moradas – periféricas, indígenas, camponesas, ribeirinhas – em meio ao povo, com o coração carregado de amor, de ternura e de compromisso evangélico com as suas dores e suas lutas.

Nos encontramos por esses caminhos!

Beijos e abraços, na esperança fiel que nos acompanha.